



A DIACONIA EM MARTIM LUTERO¹

Diakonia in Martin Luther

Angela Lenke²
Dionata Rodrigues de Oliveira³
Wilhelm Wachholz⁴

Resumo:

O presente artigo tem o objetivo de estudar diaconia a partir de Martin Lutero, sua vida e legado. Em Lutero não encontramos uma teologia propriamente sobre diaconia. Contudo, a preocupação com os temas sociais ocupou um importante espaço nas reflexões feitas pelo reformador. Para se desenvolver este tema, recorreu-se a pesquisas já realizadas sobre Lutero, bem como a escritos do próprio reformador. O artigo inicia com uma contextualização do tempo em que Lutero viveu, seguido dos grandes temas teológicos com os quais ocupou seu tempo. Concomitantemente, propõe-se a reflexão sobre diaconia a partir do contexto da Reforma, buscando evidenciar assim a diaconia em Lutero como uma de suas proposições para solucionar os problemas sociais enfrentados pelo povo do século XVI.

Palavras-chave: Diaconia. Martin Lutero. Contexto da Reforma.

Abstract:

The present article aims to study diakonia starting from Martin Luther, his life and legacy. In Luther we do not find a theology about diakonia. However, the concern with social issues occupied an important space in the reformer's reflections. In order to develop this theme, we resorted to researches already done on Luther, as well as to writings by the reformer himself. The article begins with a contextualization of the time in which Luther lived, followed by the great theological themes with which he occupied his time. At the same time, it proposes a reflection on deaconia from the Reformation context, seeking to highlight the deaconia in Luther as one of his proposals to solve the social problems faced by the people of the sixteenth century.

Keywords: Diakonia. Martin Luther. Context of Reformation.

¹ Enviado em: 18.03.2022. Aceito em: 16.06.2023.

² E-mail: angelalenske@yahoo.com.br.

³ E-mail: dionataoliveira@yahoo.com.br.

⁴ E-mail: wachholz@est.edu.br.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo estudar e apresentar as contribuições do reformador Martin Lutero para a teologia e história da diaconia. É de suma importância que a diaconia seja entendida como prática da fé no Trino Deus e do amor ao próximo, como frutos da justificação e da liberdade cristã. Inicialmente, abordaremos a questão econômica no tempo de Lutero. Neste ponto as críticas e os posicionamentos de Lutero são direcionados para os fatores e grupos que oprimiam o povo. Num segundo momento, abordaremos a situação religiosa no tempo de Lutero.

A crítica de Lutero à religiosidade fomentada na Idade Média tardia e seu posicionamento sobre a atuação da pessoa cristã no mundo serão os pontos principais a serem sondados. A justificação por graça e mediante fé que Lutero redescobre não é significativa somente para ele devido à experiência pessoal, mas foi um alívio para toda uma geração que se desesperava em cumprir o que a Igreja na época pregava: a salvação por obras. Por isso, é importante falar sobre a fé, a liberdade cristã, os mandamentos, a quarta petição e o sacramento da Santa Ceia, correlacionando-os com a teoria e teologia diaconal. Assim, através desta metodologia bibliográfica em pesquisas sobre Lutero, bem como escritos do próprio reformador, buscaremos encontrar em Lutero contribuições teológicas importantes para a fundamentação teológica da diaconia e sua relevância para a Igreja de Jesus Cristo.

Igreja e Estado: Lugar de Ação dos Cristãos

Para iniciar este tema, é importante explicar sobre o contexto e como Lutero se posicionou diante dele, bem como suas reflexões sobre a tarefa cristã diante dos desafios por ele impostos. Lutero não se omitiu diante dos problemas. Ao mesmo tempo em que exortava as autoridades municipais, incumbiu-os de introduzir práticas políticas concernentes com o Evangelho para o melhoramento da vida da população, por exemplo, introduzir um sistema escolar universal para meninos e meninas, romper com os sistemas político e papal, atender os reclamos legítimos dos camponeses – os quais Lutero defendeu até certo ponto.⁵ Contudo, estava convicto de que é tarefa cristã engajar-se em assuntos, deveres e responsabilidades sociais.

Em 1523, Lutero desenvolve o escrito “Da Autoridade Secular”. Conhecido como “doutrina dos dois reinos”, Lutero apresenta posições e métodos teológicos e, em si, não trata de uma “doutrina”.⁶ Um dos motivos para o escrito é o fato de que Lutero é “provocado pela postura radical do entusiasmo”.⁷ Ao mesmo tempo, outro motivo foi por causa da frequente luta entre os poderes instituídos na Igreja e no império na Idade Média.⁸

Lutero distingue entre o “reino de Deus e reino do mundo”⁹. Ao reino de Deus pertencem as verdadeiras pessoas cristãs e que reconhecem o senhorio de Deus e agem de acordo com o

⁵ ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994. p. 38.

⁶ STUMME, John R. Algumas teses sobre os Dois Reinos. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 23, n. 3, 1983. p. 249. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1302/1254. Acesso em: 11 mai. 2022.

⁷ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 143.

⁸ EBELING, 1988, p. 142.

⁹ SCHNEIDER, Vilmar. *O Cristão e a Política na ótica de Martin Lutero*. Artigo não publicado. São Leopoldo: EST, 1985. p. 18.

Evangelho. Essas não precisam de espada nem de leis porque nelas está o Espírito Santo. Ao reino do mundo pertencem as pessoas não-cristãs. Estas estão alienadas perante Deus e o próximo, contudo, Deus, através do seu poder, atinge-as através da lei e das autoridades¹⁰. É o reino constituído pelos reis, príncipes e outras autoridades ou pessoas que exercem funções seculares. “Deus e sua ira divina usa-os para castigar os maus e manter a paz externa”.¹¹ Para Lutero, as pessoas más sempre superam em número as pessoas justas¹², mas mesmo as pessoas cristãs são, ao mesmo tempo, justas e pecadoras. A pessoa cristã que exerce uma autoridade secular, segundo ele, deve abandonar a ideia de competir com Deus e querer subordinar as pessoas, “[...] pois malditas são todas as obras que não são realizadas em amor”.¹³

Portanto, Deus é Senhor em ambos os reinos uma vez que estão correlacionados. Pelo fato de Deus não fazer uso da espada e sim da Palavra, “as duas ações mostram o fiel amor de um Deus e servem a seu último propósito”.¹⁴ Desta forma, Lutero também entende que é uma honra uma pessoa cristã atuar na política e executar trabalho secular, levando em consideração a forma como se deve proceder nesse “reino do mundo”. O que deve ser levado em consideração neste ponto é que o compromisso da pessoa cristã também é com a realidade social para fazer a diferença, buscando a dignidade da pessoa semelhante por amor a Cristo.

Indulgências e Amor Cristão

As indulgências foram duramente criticadas por Lutero, mas não só por ele. Em 1457 um funcionário do eleitor de Mogúncia, de nome Enea Silvio Piccolomini, que se tornou o papa Pio II, demonstrou sua profunda insatisfação com a venda das indulgências e pelos cargos que eram ocupados na Igreja, por isso, afirma: “[...] Os cargos eclesiásticos não são mais confiados a quem merece, mas a quem mais oferece por eles. Para levantar dinheiro, diariamente são liberadas novas indulgências [...]”.¹⁵ Nesse sentido, as indulgências já haviam sido criticadas antes de Lutero que, por sua vez, não imaginava que tocara numa questão tão profunda, afinal dizia respeito à autoridade papal e a uma “intriga política e eclesiástica de vasta abrangência”.¹⁶ As indulgências estavam ligadas ao Sacramento da Penitência.¹⁷ Esperava-se que a pessoa pecadora fizesse uma reparação dos pecados, se confessasse ao sacerdote e, ao ser absolvida, a satisfação lhe era imposta. A satisfação imposta era cumprida através de jejuns, de orar certo número de vezes aos santos, da prática da caridade, etc.

Com a venda das indulgências, as pessoas podiam pagar pelos seus pecados e, inclusive, conseguir a salvação para não passar pelo purgatório. A venda de indulgência se tornou mais exitosa ao se pregar que as indulgências salvariam a vida dos entes próximos que poderiam estar penando no purgatório.¹⁸ Com medo, as pessoas compravam as indulgências. Lutero, como doutor em

¹⁰ SCHNEIDER, 1985, p. 18.

¹¹ EBELING, 1988, p. 147.

¹² EBELING, 1988, p. 146.

¹³ EBELING, 1988, p. 148.

¹⁴ STUMME, 1983, p. 253.

¹⁵ EBELING, 1988, p. 47.

¹⁶ LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 98.

¹⁷ DREHER, Martin N. Introdução. [Debate para o esclarecimento do valor das Indulgências]. *Obras Seleccionadas: Os Primórdios; Escritos de 1517-1519*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. p. 21-22.

¹⁸ DREHER, 1987, p. 33.

teologia, preocupava-se com a cura d'almas e entendia-se como responsável por zelar pela correta doutrina e pregação da Igreja.¹⁹

Lutero prefere, conforme as teses 43 a 46²⁰, que cristãos e cristãs pratiquem boas obras por amor a Cristo e ao próximo em vez de comprar indulgências. Ele está convicto de que “deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências”²¹ e que “deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é livre e não obrigatória”.²² Desta forma, não resta dúvida de que Lutero não quis romper com a Igreja nem criar outra, simplesmente, queria que a Igreja respeitasse a autoridade do Evangelho, que o praticasse de forma honesta e correta para que as pessoas cristãs não causassem a ira de Deus ao negar o serviço à pessoa “carente”.²³

A Justificação por Graça e Fé

A justificação por graça e fé (*sola gratia, sola fide*) não é uma doutrina do próprio Lutero, mas ele articula o Evangelho, onde este e a “[...] justificação por graça e fé coincidem. Em consequência disso a justificação por graça e fé representa para ele a rocha firme, sobre a qual deve repousar toda a Igreja”.²⁴ O Deus bondoso e amoroso transformara-se em juiz e tirano, embora justo.²⁵ Então, Lutero descobriu a afirmação de Paulo em Rm 1.17: “[...] a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé”. Com esta palavra Lutero chega à conclusão de que não convém à pessoa praticar obras, “pois é somente pela fé, sem mérito, que se apreende a graça de Deus”.²⁶ Da mesma forma, não convém se torturar pelos incontáveis pecados, comprar indulgências e se deixar guiar pelo livre-arbítrio e desprezar a liberdade para a qual Cristo nos libertou. Para isso Lutero afirma que o ser humano é justo e pecador ao mesmo tempo, pois é justo perante Deus por causa de Cristo e pecador porque, através da lei aplicada a si mesmo, reconhece que o pecado ainda habita nele²⁷ (I Jo 1.8, Rm 7.17-20), mesmo sendo batizado, pois falta com amor a Deus e ao próximo.

Lutero também conclui que não são as obras que geram a fé, mas que ela nos é dada gratuitamente por Deus, que somente a Bíblia (*sola scriptura*) revela o Cristo que nos justifica perante Deus. Tal fé vem pelo ouvir a palavra do Evangelho, a qual é colocada em ação, pois quando Deus fala, também faz²⁸. A fé, para Lutero, “é a única ‘obra’ que merece ser chamada de boa”.²⁹

¹⁹ DREHER, 1987, p. 34.

²⁰ Refere-se às 95 teses.

²¹ LUTERO, Martim. *Martinho Lutero: Obras selecionadas*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: ULBRA, 1987, p. 26.

²² LUTERO, 1987, p. 26.

²³ LUTERO, Martim. 95 teses. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2017.

²⁴ MEINCKE, Sílvio. Justificação por Graça e Fé: Um novo espaço para a vida. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 23, n. 3, 1983. p. 221.

²⁵ ALTMANN, 1994, p. 81.

²⁶ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO. *Confissão de Fé Apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo no Ano de 1530*. Edição comemorativa 1530-2005. Comissão Interluterana de Literatura (CIL). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Curitiba: Encontro Publicações, 2005. p. 21.

²⁷ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 2005, p. 18.

²⁸ BEYER, Oswald. *Viver pela Fé: Justificação e Santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

²⁹ LUTERO, Martim. *Das Boas Obras. Obras selecionadas: O Programa da Reforma; Escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 98.

Nesse sentido, a pessoa justificada vive a partir da fé que provém da palavra de Cristo³⁰ e que atua no amor, o qual é fruto do Espírito (Gl 5.22)³¹. A fé como fruto do Espírito atuando no amor é o serviço diaconal, pois não promove a si, mas a Cristo.

Pode parecer muito fácil a pessoa dizer que tem fé, contudo, ela “não é nenhum mero processo mental (acreditar); é, antes de tudo, confiança, é entrega do coração a Deus”.³² A verdadeira fé é aquela onde não eu vivo, mas o próprio Cristo em mim, pois a “fé não reside somente nas doutrinas e dogmas”³³. O ser humano busca se justificar diante de Deus, por isso, Lutero detesta a fé como “histórica” que não aponta direta e unicamente para Cristo.³⁴ Lutero também afirma que o ser humano “vive em Cristo pela fé, no próximo, pelo amor”.³⁵ A verdadeira fé é aquela que confessa e reconhece que o Filho de Deus sofreu e ressuscitou, por causa dos pecados de cada pessoa!³⁶

A descoberta de Lutero mudou a concepção de ser Igreja e de vivenciar a fé em Jesus Cristo. Para o reformador, não se testemunha o amor pela própria causa e méritos, mas unicamente por causa da fé em Jesus Cristo, em gratidão a “nova vida” e justificação que nos oferece gratuitamente. Essa fé atua pelo amor “a partir do primeiro mandamento: conduta e agir dos cristãos são frutos da fé”³⁷. E mais: “Toda a vida cristã, pois, é práxis da fé”.³⁸ Ver-se justificado ou justificada é reconhecer Jesus Cristo como Senhor e Salvador que torna justo perante Deus, por graça, quem Nele crê.³⁹

Nesse sentido, a justiça de Deus não provém das obras ou pela “prática da justiça”⁴⁰, mas pela fé. A prática da justiça é consequência da pessoa justificada, pois Deus não justifica por causa das obras, ou seja, Ele justifica “a pessoa antes as obras”.⁴¹ Em outras palavras, a justiça de Deus se resume “como aquela que se inclina, através de Cristo, ao ser humano cativo da culpa, autoafirmação e ignorância, e que verdadeiramente o torna justo”⁴². A práxis da fé significa muito mais do que apenas obras. Portanto, a fé em Cristo é a garantia da vida eterna e é somente pela fé em Jesus Cristo que nos tornamos atuantes do amor e serviço ao próximo.

Fé Ativa no Amor

A relação entre fé e amor é coerente ao que Lutero espera da pessoa cristã. Enquanto critica as obras, defende o amor como consequência da fé. Lutero não anula as obras, por isso, escreve o livro sobre as *boas obras*. Há clara distinção de obras que são realizadas para obter méritos e obras

³⁰ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 2005, p. 12.

³¹ CEBI. *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. Declaração Conjunta Católica Romana – Evangélica Luterana. São Leopoldo: CEBI, 1999, p. 10.

³² WEINGÄRTNER, Lindolfo. Identidade Luterana. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 23, n. 3, 1983. p. 268.

³³ IWAND, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 106.

³⁴ IWAND, 1981, p. 106.

³⁵ LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 456.

³⁶ IWAND, 1981, p. 107.

³⁷ LUTERO, 1989, p. 98.

³⁸ LUTERO, 1989, p. 98.

³⁹ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 2005, p. 12.

⁴⁰ EBELING, 1988, p. 117.

⁴¹ EBELING, 1988, p. 117.

⁴² STROHM, Teodor. “Teologia da Diaconia” na perspectiva da Reforma. In: NORDSTOKKE, Kjell. (Org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 157.

como consequência da fé e do amor ao próximo. O próprio Lutero afirma que em “questões do amor é preciso ceder, porque ele tudo suporta”⁴³.

Lutero, enquanto pregava a palavra de Deus, buscava colocá-la em prática, em coerência ao texto de 1 Jo 4.20: “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu”⁴⁴. O texto de Tg 1.22, embora Lutero critique esta carta, afirma: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes”. Nisto tudo, nos é visível que nada pode separar a fé e o amor; a fé diz respeito a Deus e o amor se dirige ao próximo. Entretanto, a fé não necessita do amor porque o traz espontaneamente.⁴⁵ A relação entre fé e amor é uma relação de serviço e, por isso, “um cristão é um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos”⁴⁶. A prática do amor é vocação. Por isso, Lutero defende que toda pessoa cristã deve ajudar o próximo, como dar seus bens, por causa do amor.⁴⁷

Nas teses 44 e 45, Lutero deixa claro que as obras do amor devem ser direcionadas àquelas pessoas que se encontram em maior necessidade.⁴⁸ O amor é definido por Lutero a partir do amor de Cristo. Esse amor não leva em consideração o próprio interesse, “não pergunta se a outra pessoa é digna de recebê-lo. O amor é abnegado e espontâneo como o amor de Deus. O amor é parte daquele amor divino dado para que o ser humano o passe adiante”.⁴⁹ O amor é dirigido ao próximo por causa da fé em Jesus Cristo, pois tal fé é o agente e o amor é a ação.

Na carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo afirma que a fé é ativa no amor (Gl 5.6) e essa afirmação contribuiu para que Lutero chegasse à mesma conclusão. O amor é definido como instrumento da fé pelo qual realiza obras e age com o próximo. Ao contrário da concepção escolástica, segundo a qual a fé é formada pelo amor, Lutero afirma que é a fé que forma o amor e que atua pelo amor. A pessoa cristã atua com amor por causa da fé. Toda pessoa cristã deveria agir junto a pessoas necessitadas com amor porque Deus nos deu o exemplo maior do amor, entregando Seu próprio Filho Jesus Cristo.⁵⁰ Assim como Jesus agiu entre os pobres e necessitados, assim nós devemos ir e praticar o mesmo, porque é no meio destes que “Deus pode ser encontrado, amado e servido”.⁵¹

O amor como fruto da fé é dirigido a todas as pessoas, inclusive malfeitores, inimigos e ingratos, porque para o amor não deve haver distinção entre pessoas⁵², uma vez que na fé formamos uma unidade. O amor como extensão da fé é mais do que o simples fato de ajudar o próximo em suas necessidades. Lutero afirma: “O amor não considera a sua própria recompensa ou o seu próprio bem, mas recompensa e faz o bem. Por esta causa ele se mostra mais ativo entre os pobres, os necessitados, os malfeitores, os pecadores, os insanos, os doentes e os inimigos”.⁵³

⁴³ EBELING, 1988, p. 54.

⁴⁴ EBELING, 1988, p. 24.

⁴⁵ EBELING, 1988, p. 134.

⁴⁶ LUTERO, Martin N. *Da Liberdade Cristã*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 7.

⁴⁷ DREHER, Martin N. Aspectos Teológicos da Ação Social em Lutero. In: DREHER Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 64-65.

⁴⁸ WEINGÄRTNER, 1983, p. 25.

⁴⁹ OST, Maria Helena. *Fé e Obras em Lutero: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia*. São Leopoldo: EST, 1999. p. 15.

⁵⁰ OST, 1999, p. 15.

⁵¹ OST, 1999, p. 16.

⁵² FORELL, George W. *Fé ativa no Amor*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1977. p. 100-101.

⁵³ LUTERO *apud* FORELL, 1977, p. 101.

Portanto, a pessoa cristã age, diaconalmente, quando atua com amor segundo a fé. As ações não devem contradizer os mandamentos de Deus e Sua vontade. Jesus Cristo agiu para a glória de Deus, como sinal do Seu reino, pois Deus estava Nele. O próprio culto deve incentivar as pessoas e, por si só, deve ser serviço a Deus e ao próximo.⁵⁴

As “Boas Obras” da Pessoa Justificada

As “boas obras” são entendidas por Lutero como cumprimento dos mandamentos de Deus, ou seja, as únicas obras válidas são aquelas ordenadas por Deus nos Dez Mandamentos. As obras verdadeiramente boas são aquelas realizadas em favor do próximo.⁵⁵ Lutero não proíbe as “obras”, mas luta por verdadeiras e autênticas obras cristãs, como expressão da fé em Deus e do amor ao próximo.

As “boas obras” são o resultado da fé. Nesse sentido, a comunidade cristã tem o compromisso com a prática do Evangelho. O termo “boas obras” não exprime exatamente o significado de diaconia, porque ela é muito mais ampla e sua intenção não é praticar obras como ativismo nem como justificação, antes ela busca transformação da vida das pessoas e seu contexto para dar o seu testemunho de fé, como gratidão a Deus. Ele nos chama para essa tarefa. Nesse sentido, o empenho da Igreja precisa ser de testemunho e de ação, porque

[...] Cristo nos ensina para quem devemos fazer obras, mostrando-nos quais são boas obras. Todas as outras obras, com exceção da fé, devemos fazê-las para o próximo. [...] deixa todas as tuas obras com toda a sua vida visar o teu próximo. Procura onde há pobres, doentes, débeis; ajuda-os; exercita neles a tua vida, para que tenham apoio por tua parte, todos aqueles que precisam de ti; ajuda-os na medida de tuas capacidades com teu corpo, teus bens e tua honra...⁵⁶

Da Liberdade Cristã: Livres para Servir

Lutero, em seu escrito *Sobre a Liberdade Cristã*, defende duas teses centrais. Queremos apresentá-las aqui numa perspectiva diaconal. Ele afirma: “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos está sujeito.”⁵⁷ A liberdade e o serviço consistem na relação entre fé e amor. Pela fé, a pessoa está livre de todas as coisas e, pelo amor, é serva e tem muito serviço a realizar. “Olha para a tua vida. Se não te encontrares, como cristão no Evangelho, em meio aos pobres e necessitados, então saiba que a tua fé ainda não é verdadeira e que certamente ainda não experimentastes em ti o favor e a obra de Cristo.”⁵⁸

A pessoa que se sabe justificada mediante a fé em Jesus Cristo está livre para servir e amar o próximo, porque ninguém vive para si mesmo, antes vive pela fé em Jesus Cristo. Tal fé é direcionada para a prática, onde se é um pequeno “Jesus Cristo” para o próximo⁵⁹. Isto significa

⁵⁴ JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 56.

⁵⁵ OST, 1999, p. 13.

⁵⁶ LUTERO, apud. FISCHER, Joachim. *Marcas Teológicas da Reforma Protestante. Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 23, n. 2, 1988. p. 109.

⁵⁷ LUTERO, 1998, p. 437.

⁵⁸ LUTERO *apud* FISCHER, 1988, p. 109.

⁵⁹ OST, 1999, p. 16s.

seguir o exemplo de Jesus Cristo que amou sem distinção de pessoas, que veio para servir e não para ser servido (Mc 10.42-45). Lutero compromete, assim a pessoa cristã para a diaconia e, por isso, numa prédica no ano de 1522, destaca:

Saiba que servir a Deus não é outra coisa, senão servir ao teu próximo, fazendo-lhe bem com amor, seja ele uma criança, uma mulher, um criado, um inimigo ou um amigo. Não faças distinções quaisquer. O teu próximo é aquele que necessita de ti em assuntos de corpo e alma. Onde podes ajudar porporal [corporal] e espiritualmente, lá há serviço a Deus e boas obras⁶⁰.

No serviço diaconal a pessoa vocacionada cumpre o seu ministério sabendo que é justificada e que está livre para servir a Deus e ao próximo. Esse serviço é consolo, amparo, assistência, visitação, aconselhamento, oração⁶¹, culto, poimênica, envolvimento social, resgate de vidas etc. Portanto, a liberdade cristã é expressão de serviço ao próximo, pois “aqueles que agora receberam o suficiente de Cristo, têm que seguir o exemplo de Cristo e fazer o bem, do fundo do coração, ao próximo, como Ele tem feito para nós, livremente, sem a intenção de ganhar algo, unicamente pelo motivo de que isso agrada a Deus”.⁶²

Os Mandamentos

No seu escrito sobre as “*As Boas Obras*”, Lutero deixa claro que boas obras são aquelas ordenadas por Deus nos Dez Mandamentos e, portanto, só poderão ser cumpridas quando há fé. Os três primeiros mandamentos tratam da nossa relação com Deus e os outros sete mandamentos tratam da nossa relação com o próximo.

Lutero acredita que Deus nos deu os mandamentos (Dt 6) para nos proteger e desviar do diabo.⁶³ Esse Deus verdadeiro é único e quer que seus filhos e suas filhas vivam numa relação harmoniosa com Ele e com o próximo. Por isso, em primeiro lugar, Deus quer ser adorado, honrado e santificado pela criação obediente. Deus não quer perder ninguém. Nesse sentido, precisamos da Lei (mandamentos) para reconhecer as nossas falhas e, pela fé, somos conduzidos e conduzidas ao arrependimento, honrando o nome de Deus.

Se analisarmos atentamente os mandamentos que dizem respeito da nossa relação com o próximo, veremos que todos eles exigem respeito, amor, fidelidade e benquerença de forma que nossas ações não prejudiquem o próximo, pois Deus “ordenou que ninguém subtraísse ou reduzisse o que é do próximo”⁶⁴ nem lhe neguemos a justiça.⁶⁵ Caso contrário, se não praticarmos o serviço do amor adquirimos a ira de Deus que não “quer que se tirem ou diminuam a reputação, o bom nome e a retidão do próximo”.⁶⁶ Para Lutero, o quinto mandamento nos ensina que não devemos causar dano ao corpo do próximo, quando a morte é causada não somente por meios violentos, mas também quando nos recusamos a estender nossas mãos ao próximo, quando negamos a

⁶⁰ LUTERO *apud* FISCHER, p. 109.

⁶¹ LUTERO *apud* FISCHER, 1988, p. 86.

⁶² LUTERO *apud* FISCHER, 1988, p. 86.

⁶³ LUTERO, Martim. *Os Catecismos*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 389.

⁶⁴ LUTERO, Martim. Catecismo maior do Dr. Marinho Lutero. *Obras Selecionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL, Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 428.

⁶⁵ LUTERO, 2000, p. 433.

⁶⁶ LUTERO, 2000, p. 434.

caridade e não lhe salvamos a vida.⁶⁷ Neste ponto há uma relação intrínseca com o texto de Mt 25. 31-46⁶⁸. O que Deus espera de nós, através do cumprimento dos mandamentos, é que pratiquemos o amor ao próximo, lhe queiramos o bem⁶⁹ e “lhe ajudemos e o favorecemos em todas as necessidades”.⁷⁰ A relação com o próximo precisa ser de cuidado⁷¹, pois amar ao próximo significa cuidar.

Lutero ressalta que a função de obreiros e obreiras é de “instruir e repreender com a palavra de Deus”⁷², mas que os príncipes, ou seja, o governo, se ocupe em estabelecer ordem, de proibir os furtos que prejudicam a vida do próximo, combater a ganância, buscar uma distribuição de renda justa “a fim de a pobreza não ser gravada e oprimida”.⁷³ Deixa claro que o serviço ao próximo é importante, que “cada um ajude o próximo no sentido de lhe garantir o seu direito”.⁷⁴ De uma forma geral e sucinta, podemos concluir que cumprimos os mandamentos em virtude do primeiro. É da fé que depende nossa vida, nossa relação com Deus e, conseqüentemente, nossa relação com o próximo, “pois onde há um coração com essa disposição para com Deus, cumpre-se esse mandamento e os demais”.⁷⁵ Sendo assim, os Dez Mandamentos “são, na compreensão evangélica, um convite cordial para a fé e para a práxis da fé no serviço ao próximo e ao mundo”.⁷⁶

A Quarta Petição: O Pão Nosso de Cada Dia nos dá Hoje

A oração do Pai Nosso, antes de tudo, é a oração que Jesus Cristo ensinou (Mt 6). Lutero busca explicar aos cristãos o significado dessa oração para que entendam o que Deus espera deles e que podem contar com a Sua ajuda, pois “tudo o que pedirdes em oração, Ele concede”. O *pão nosso de cada dia*, segundo Lutero, significa tudo o que pertence às necessidades como, por exemplo, casa, comida, bebida, vestimenta, “relações domésticas e vizinhais, ou civis e políticas”⁷⁷, bom tempo, campos e muito mais. O governo tem o dever de garantir o sustento de cada cidadão. Lutero afirma que deveria se ter um pão desenhado no escudo do príncipe reto e justo e não um “leão ou uma grinalda de arruda”⁷⁸. Esta parte da oração do *Pai Nosso*, de acordo com Lutero, inclui que se ore pelas autoridades para que terem sensibilidade a fim de enxergar a miséria do povo e poder garantir o seu sustento.

O *pão nosso de cada dia* faz parte de uma oração de intercessão onde não pedimos somente por nós mesmos, mas pelo próximo, caso contrário, Jesus teria ensinado “o *pão meu de cada dia dá-me hoje*”. Desta forma, se pedimos pelo próximo, cumpre-nos auxiliá-lo em suas necessidades,

⁶⁷ LUTERO, 2000, p. 364.

⁶⁸ GAEDE NETO, Rodolfo. Leitura Diaconal do Catecismo maior de Martim Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 1, 2001. p. 86.

⁶⁹ LUTERO, 2000, p. 365.

⁷⁰ MUELLER, Ênio R. Fundamentos da Ética em Lutero. In: WACHHOLZ, Wilhelm. (Coord.). Identidade Evangélico-Luterana e Ética. *Anais do III simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana*. São Leopoldo: EST, 2005. p. 25.

⁷¹ MUELLER, 2005, p. 16.

⁷² LUTERO, 2000, p. 433.

⁷³ LUTERO, 2000, p. 433.

⁷⁴ LUTERO, 2000, p. 435.

⁷⁵ LUTERO, 2000, p. 445.

⁷⁶ FISCHER, Joaquim. Introdução ao escrito de Lutero sobre as Boas Obras. *Obras Seleccionadas: O Programa da Reforma; escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 100.

⁷⁷ LUTERO, Martim. O Catecismo Maior. *Livro de Concórdia*. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 467.

⁷⁸ LUTERO, 1980, p. 467.

repartir e lhe servir. Numa perspectiva diaconal, isso significa que a oração nos faz cair nos braços de Deus e confiar Nele totalmente; que Deus nos supre as necessidades quando pedimos com fé; que não pedimos por nós mesmos; que não é só o pão o necessário para viver, mas muitas outras coisas. Se nos dispomos a repartir e servir, isto significa olhar para o próximo de uma forma integral.

Santa Ceia: Doação, Comunhão e Serviço

Lutero se dedicou veemente para que o sacramento da Santa Ceia fosse ministrado e compreendido corretamente. Na concepção de Lutero, o sacramento pertence a todas as pessoas e não somente aos sacerdotes.⁷⁹ O sacramento é poderoso por si, independentemente de quem o ministra⁸⁰, pois “o atuante é inequivocamente Cristo, o ministro é seu servente”.⁸¹ Lutero reintroduziu o cálice que, na Igreja Católica, não era dado aos comungantes. Um dos motivos para essa ação de Lutero foi o fato de que Jesus Cristo diz: “Bebei dele *todos*”.⁸² Criticou a posição da Igreja Católica que acreditava na transubstanciação, pois, para ele, a Santa Ceia “é o verdadeiro corpo e sangue de Cristo Senhor, em e sob o pão e o vinho, que a palavra de Cristo ordena a nós cristãos comer e beber”.⁸³ A Ceia é o “alimento da alma que nutre e fortalece”⁸⁴ o novo ser humano. Serve de consolo “a fim de que o coração busque aqui nova força e refrigério, quando sente que a coisa se lhe vai tornando demasiadamente pesada”.⁸⁵

Lutero concebe a Ceia como perdão dos pecados,⁸⁶ contudo, a pessoa deve participar com alegria e entusiasmo, pois ninguém é autossuficiente que não necessite dela.⁸⁷ Pelo batismo, a pessoa se torna um novo ser, contudo, ela continua pecando diariamente⁸⁸ e, por isso, precisa participar da Ceia sempre e não uma vez por ano. Dizer que não se sente preparado é artimanha do diabo,⁸⁹ que quer ver a pessoa longe da comunhão com Cristo e com o próximo, pois se a pessoa vê e sente a necessidade, então ela é suficientemente digna e habilitada.⁹⁰

Na Santa Ceia nos tornamos um só corpo, pelo qual cada pessoa é responsável pela outra.⁹¹ Isto significa que, assim como Deus nos perdoa a fim de estarmos livres para o serviço ao próximo, assim devemos nós nos perdoar mutuamente.⁹² Cada pessoa comunga na Ceia, envolta em alegrias e culpas. Sobretudo, na Ceia a pessoa é comunidade cristã reunida para comungar⁹³. Onde, pois, se recebe o sinal concreto do amor de Deus e se crê no poder de Deus, ali a verdadeira comunhão se

⁷⁹ LUTERO, Martim Do Cativo Babilônico da Igreja. *Obras Seleccionadas: O Programa da Reforma; Escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989, p. 354.

⁸⁰ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 2005, artigo 8.

⁸¹ JUNGHANS, 2001, p. 73.

⁸² ALTMANN, 2004, p. 144.

⁸³ LUTERO, 1980, p. 487.

⁸⁴ LUTERO, 1980, p. 488.

⁸⁵ LUTERO, 1980, p. 488s.

⁸⁶ LUTERO, 1980, p. 489.

⁸⁷ LUTERO, 1980, p. 491.

⁸⁸ ALTMANN, 1994, p. 144.

⁸⁹ LUTERO, Martim. Exortação ao Corpo e Sangue de Nosso Senhor. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal e CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 246.

⁹⁰ LUTERO, 2000, p. 250.

⁹¹ ALTMANN, 1994, p. 145.

⁹² FISCHER, Joaquim. Culpa, perdão e penitência em Lutero. *In: DREHER*, 1988, p. 39.

⁹³ ALTMANN, 1994, p. 145.

torna real quando, em amor, a pessoa ajuda a carregar as cargas dos demais.⁹⁴ “Teu coração deve, pois, entregar-se ao amor e aprender que este sacramento é um sacramento do amor e que, assim como tu recebes amor e assistência, deves, por tua vez, demonstrar amor e assistência a Cristo na pessoa de seus necessitados.”⁹⁵

Lutero estava ciente de que “carregar as necessidades e sofrimentos” do próximo não seria tarefa fácil. Quem se dedica a servir também encontra dificuldades, desgraças e adversidades suficientes.⁹⁶ Justamente aí é necessário comungar, para que o sacramento nos fortaleça, encoraje, anime e, sobretudo, para que experimentemos a verdadeira comunhão. A Ceia é uma força impulsionadora para o serviço e amor ao próximo. Portanto, na Ceia:

Deves deixar-te tocar pelas deficiências e necessidades dos outros como se fossem tuas próprias, [...], assim como Cristo age contigo no sacramento. É isto o que significa ser transformado um no outro pelo amor, tornar-se de muitas partes um só pão e uma só bebida, abandonar a forma própria e assumir uma forma comum.⁹⁷

Quando Lutero afirma “quão divina e benéfica obra é visitar as paróquias e comunidades cristãs por meio de pessoas ajuizadas e habilidosas [...]”⁹⁸, entendemos o porquê se empenha para o resgate e a instrução do “ministério da visitação”.⁹⁹ Para Lutero a visitação foi abandonada pelos ministros da Igreja e, em vez destes visitarem e consolarem as pessoas, designaram oficiais para, unicamente, atormentar as pessoas com questões financeiras.¹⁰⁰ A visitação tem a função de ensinar, acompanhar a vida de fé das pessoas, amar, atender os necessitados, consolar os fracos, censurar os grosseiros e muito mais.¹⁰¹ Para praticar a visitação, segundo Lutero, é preciso estar vocacionado.¹⁰² Ele próprio não se sente vocacionado para esta função.¹⁰³ Lutero e seus amigos pedem que o príncipe-eleitor João, da Saxônia, designe pessoas para o cumprimento da visitação. Parece que havia pessoas que se opunham à visitação, sem boas razões, os quais, segundo Lutero, “[...] temos que permitir que [...] se separem de nós, como o joio do trigo, sem desistirmos da nossa parte por causa deles”.¹⁰⁴

Os patriarcas, profetas, Jesus Cristo, os discípulos, o apóstolo Paulo (At 15.2) se dedicaram à tarefa da visitação. O próprio Deus visita o seu povo (Gn 18, Lc 1). E isso mostra o quanto a visitação é importante. No ministério da Igreja, ela é a prática da fé, pois, a pessoa, movida pela fé, dispõe-se a ir ao encontro do próximo. Ao mesmo tempo, é uma metodologia diaconal, porque através desta ação se percebe o contexto onde a pessoa vive e isso implica em ver, julgar (segundo o Evangelho) e agir. Percebemos em Lutero uma forte ligação entre visitação e poimênica. Afirma que

⁹⁴ ALTMANN, 1994, p. 146.

⁹⁵ LUTERO, Martim. Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades. *Obras Seleccionadas: Os Primórdios; Escritos de 1517-1519*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. p. 431.

⁹⁶ ALTMANN, 1994, p. 146.

⁹⁷ LUTERO, 1987, p. 436.

⁹⁸ LUTERO, Martim. Instrução dos visitantes aos párcos. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 259.

⁹⁹ LUTERO, 2000, p. 260.

¹⁰⁰ LUTERO, 2000, p. 260.

¹⁰¹ LUTERO, 2000, p. 260.

¹⁰² LUTERO, 2000, p. 261.

¹⁰³ LUTERO, 2000, p. 261.

¹⁰⁴ LUTERO, 2000, p. 263.

é necessário executar a visitação a fim de que as pobres almas ouçam a voz de Jesus Cristo, para que sejam supridas e cuidadas com dedicação.¹⁰⁵ Portanto, a poimênica também é uma tarefa da visitação, assim como toda a tarefa da Igreja é poimênica. Por esta razão, a “poimênica e a diaconia não podem ser separadas, porque, do contrário, a poimênica se transforma em psicoterapia e a diaconia em Assistência Social”.¹⁰⁶

É função da diaconia ir ao encontro do próximo com ações de misericórdia e justiça¹⁰⁷, consolar e amparar vidas em sofrimento e em situações de risco. A visitação é relevante porque busca olhar o próximo a partir do seu contexto a fim de ajudar na transformação de sua vida e, conseqüentemente, seu contexto. Porque “viver diaconia é arriscar um encontro com o mundo real. [...] é arriscar uma identificação com a prática, buscando transformação por meio de sinais pequenos, no contexto onde Deus nos chama para servir”.¹⁰⁸ Lutero deseja que estas pessoas sejam consoladas através da visitação sem interferência das questões financeiras. Portanto, ousa-se afirmar que a diaconia, ao longo de sua história, teve e tem especial capacitação para efetivar o serviço da visitação. “Importante seria que se dividisse uma cidade em 4 ou 5 e cada setor recebesse um pregador e alguns diáconos que fossem distribuir os bens, visitar os doentes e que olhassem quem está precisando de ajuda.”¹⁰⁹

A Caixa Comunitária: uma Comunidade em Ação

Durante a Idade Média tardia, surgiu a ideia da “caixa comunitária”. O primeiro estatuto para a criação de uma caixa comunitária já havia sido elaborado no ano de 1442, em Viena. A cidade de Colônia também o fez em 1446.¹¹⁰ Por isso, na Idade Média, a previdência social teve um forte impulso. Contudo, a riqueza da Igreja não era distribuída entre os pobres e necessitados, os quais aumentavam em número considerável.

Lutero contribuiu veemente para a previdência social. Em seu tempo havia muitas pessoas pobres, doentes, idosas, órfãs, em situação de rua, nobres e camponeses empobrecidos. Ele estava ciente da realidade sofrida, das inúmeras pessoas que necessitavam de ajuda e estava ciente de que a justificação por graça mediante a fé torna as pessoas irmãs de modo que, pela fé em Cristo e pelo amor ao próximo, elas se ajudam mutuamente de bom grado, segundo o amor cristão. O amor está acima de todas as coisas e, por isso, Lutero aconselhou que os bens arrecadados para a caixa comunitária fossem distribuídos equitativamente, mesmo aos gananciosos.¹¹¹

Lutero acreditou que os mosteiros não deveriam ter sido fundados. Aconselhou que se fizesse o seguinte: a) as pessoas que conviviam nos conventos estivessem livres para sair e, da mesma forma, que ninguém mais ingressasse nos conventos. Contudo, advertiu que não se poderia

¹⁰⁵ LUTERO, 2000, p. 270.

¹⁰⁶ SEITZ, Manfred. *Prática da fé: culto, poimênica, espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 78.

¹⁰⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Diaconia Evangélica: Síntese e proposta*. São Leopoldo: CEM, 1988. p. 5.

¹⁰⁸ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). *Diaconia: Fé em Ação*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 11.

¹⁰⁹ CREUTZBERG, Marion. *Bíblia e Diaconia: Geradoras de Nova Espiritualidade*. Seminário de Preparação à Bênção ao Ministério Diaconal. São Leopoldo, artigo não publicado, 1992. p. 11.

¹¹⁰ RIETH, 1995, p. 37.

¹¹¹ LUTERO, Martim. Estatuto para uma caixa comunitária. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal e CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 48.

expulsar ninguém nem proibir de viver sua fé num convento; b) as autoridades que desapropriassem os conventos deveriam garantir o sustento dos monges e das freiras, que tivessem onde trabalhar e que os bens fossem transferidos para uma caixa comunitária, pois “[...] não há maior culto a Deus do que o amor cristão que ajuda e serve aos carentes [...]. Por isso, antigamente os bens da Igreja eram chamados *bona ecclesiae*, isto é, bens comuns, como uma caixa comunitária para todos os carentes entre os cristãos”¹¹²; c) que os bens (terras, cidades) dos bispos e padres fossem também transferidos para uma caixa comunitária, pois terminaria com a mendicância, o abuso da excomunhão e com o usurento contrato de venda.¹¹³

Em setembro de 1522, Lutero viajou a Leisnig para assessorar a cidade na criação de uma caixa comunitária. A paróquia de Leisnig era grande. Pertenciam-lhe 11 aldeias e ganhava dinheiro com pedágio sobre o rio Mulde. A paróquia elaborou um estatuto e nele podemos perceber uma organização incrível. As doações, contribuições, o patrimônio etc. eram incluídas na caixa comunitária e distribuídas para quem estivesse em necessidade (inválidos e idosos, órfãos e crianças pobres, pobres residentes, estranhos imigrados). Além disso, a paróquia tinha seus gastos com o ministério pastoral, a escola, o hospital, a sacristia, a conservação e construção de prédios, o estoque de cereais para os períodos de carestia etc. Eram eleitos dez administradores para cuidarem da caixa comunitária. Estes recolham os bens e também os distribuía. Os administradores que assumissem essa tarefa posteriormente deveriam consultar os administradores antigos. Tudo tinha que ser registrado em livro de atas e livro-caixa. A comunidade fazia assembleia três vezes por ano e todos os membros destinavam uma contribuição anual para a caixa comunitária de acordo com as suas condições. No estatuto percebemos que a própria comunidade entendia que esse serviço estava amparado na liberdade cristã e esperava que essa liberdade não fosse usada de modo abusivo.¹¹⁴

A ideia da caixa comunitária é relevante para os dias atuais. Não são poucos os casos em que paróquias estão com dificuldade, inclusive financeiras. É necessário que bens na comunidade sejam partilhados e isso precisa ser feito a partir do exemplo de Jesus e da primeira comunidade cristã, pois também nós não podemos nos beneficiar enquanto comunidade, mas queremos servir uns aos outros com amor cristão. Uma comunidade cristã se coloca em ação quando entende que sua liberdade foi alcançada em Cristo e quando entende que diaconia é transformar a vida e o mundo com ações de amor e misericórdia. A caixa comunitária é um modelo não de assistencialismo, mas diaconal porque demonstra a preocupação da comunidade em querer servir, ao mesmo tempo, a Deus e ao próximo. Isso é comunidade em ação, uma comunidade diaconal.

Orar Pelos Outros: Uma Tarefa Diaconal

A oração em Lutero é ação¹¹⁵ e consequência da fé. A oração não deve ser algo memorizado e que dá sensação de que “orei e, portanto, fiz minha parte”. A verdadeira oração é aquela que é feita em espírito e verdade. É entregar a vida nas mãos de Deus e confiar firmemente que Ele atenderá a oração.¹¹⁶ A oração para Lutero é um ato genuinamente cristão¹¹⁷ e, como tal, “repousa

¹¹² LUTERO, 2000, p. 47.

¹¹³ LUTERO, 2000, p. 49.

¹¹⁴ LUTERO, 2000, p. 50-64.

¹¹⁵ LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 145.

¹¹⁶ LUTERO, Martim. *O Pai-nosso: Comentários a Mt 6. 5-15. Obras Selecionadas: Ética: Fundamentos-Oração-Sexualidade-Educação-Economia*. Vol. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 120.

¹¹⁷ LUTERO, 1995, p. 117; 119; 123.

na fé na promessa de Deus [...] é fácil e não dá trabalho; pois a fé não demora em expressar o que deseja, inclusive com um suspiro do fundo do coração, e que não pode ser compensado e expresso por palavras”.¹¹⁸ Aqui fica claro que a oração feita em espírito e verdade, ou seja, feita do fundo do coração com fé verdadeira, não dá trabalho nem gera cansaço.

Quem pensa estar oferecendo algo a Deus com sua oração ainda não tem o pleno auto reconhecimento, não adquiriu a humildade necessária. Nisto consiste a tentação.¹¹⁹ Porque não é o nosso favor que nos salva. A única coisa que Deus espera de nós na oração é que retomemos nossa relação com Ele¹²⁰ e, ao chamá-lo de Pai e Senhor, o primeiro e o segundo mandamentos são cumpridos. Para Lutero não existe oração mais autêntica e completa que o Pai-nosso, pois foi o Filho de Deus que a ensinou, por isso, lamenta quando ela é alvo de abusos.¹²¹ O Pai-nosso é uma oração que confessa Deus como o *Abba*, é santificado o Seu nome, invocado o Seu reino, pedido que Ele faça Sua vontade e não a nossa, que Ele conceda tudo o que necessitamos para viver e que perdoe as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores. Aqui Lutero chama a nossa atenção. É justamente aqui que Jesus faz um complemento. Isso significa, para Lutero, que Jesus quer nos comprometer para perdoar o próximo. Assim como nós somos perdoados por Deus, também devemos perdoar o próximo por amor.¹²²

Lutero escreve ao seu amigo e ex-barbeiro Pedro Barbeiro sobre “*Como se deve Orar*”. As palavras que Lutero usa consolam Pedro que se encontrava em amarguras e sofrimentos depois de cometer uma ação impulsiva. Lutero não apenas dá exemplo de sua vida de oração, mas explica-lhe como orar e refletir o Pai-nosso. Incentiva para que os mandamentos e os Salmos também sejam tidos como oração.¹²³ Para ele o que importa é que a pessoa se deixe levar pelo Espírito Santo, que a oração seja algo que brote do fundo do coração¹²⁴. Orar significa querer receber algo. Deus não engana. Ele tem Sua maneira de agir, é o Deus abscondito que pode demorar, mas atende.¹²⁵ Basta saber que “a certeza de atendimento é certeza de fé”.¹²⁶

A oração como prática genuinamente cristã nos faz lembrar que ela inclui a intercessão. Na primeira comunidade cristã tudo era repartido e o nome de Deus era louvado. Oração e ação se complementam mutuamente. Havia muitos pobres e pessoas excluídas na sociedade. Sendo assim, a comunidade assumiu o seu papel de orar e trazer para a vivência comunitária as pessoas excluídas e oprimidas. A oração como parte da liturgia não deve ser separada da diaconia. Esta última tem seu compromisso com o mundo por causa do Evangelho. A oração é imprescindível para não se perder o vínculo ou a relação com Deus. Ela é fonte de alegria e incentivo para o serviço ao próximo. Através da prática da oração nós louvamos, glorificamos e santificamos o nome de Deus e reconhecemo-lo como Pai; confiamos que Ele é o único que pode nos ajudar e nos tornar irmãos e irmãs; pedimos pelo próximo e o entregamos em Suas mãos. Jesus deixa claro na oração do Pai-

¹¹⁸ LUTERO, 1995, p. 121.

¹¹⁹ LOEWENICH, 1988, p. 142.

¹²⁰ SEITZ, 1990, p. 168.

¹²¹ LUTERO, 1995, p. 139; SEITZ, 1990, p. 170.

¹²² LUTERO, 1995, p. 120-126.

¹²³ É oração porque corrigimos nossa vida. Vendo, pela Lei, o que fazemos de errado e, nos mandamentos, pedimos a Deus forças para lutarmos contra o assassinato, o adultério, a calúnia, etc. Sinal do amor ao próximo.

¹²⁴ LUTERO, Martim. Uma Singela Forma de Orar. *Obras Seleccionadas: Ética: Fundamentos-Oração-Sexualidade-Educação-Economia*. Vol. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 134-148.

¹²⁵ LOEWENICH, 1988, p. 143.

¹²⁶ LOEWENICH, 1988, p. 144.

nosso que a nossa relação com Deus reflete na relação com o próximo, porque nossa fé, necessariamente, resulta no servir, pela fé, a Deus e pelo amor, ao próximo.

Considerações Finais

Esse trabalho possibilitou um maior aprofundamento da diaconia em Lutero. Para a compreensão do ser cristão e cristã, julga-se ser necessário e importante saber o que o reformador tem a contribuir para a diaconia da Igreja. Lutero apontou várias práticas diaconais e isso transparece na sua teologia. A fé não é omissa no contexto de opressão e miséria. Lutero também percebia essa realidade em seu tempo, mantendo uma coerência entre a prática da fé e a certeza da justificação por graça e fé. Como analisamos, a fé é ativa no amor. Quem acredita que Jesus Cristo o libertou dispõe-se a servir a Deus e ao próximo por amor.

Constata-se que há muito material escrito sobre Lutero e sua teologia, contudo, quase nada que fale especificamente da diaconia. Neste sentido, foi um desafio estudar Lutero numa perspectiva diaconal. Para um aprofundamento da teologia diaconal é imprescindível buscar em Lutero fundamentos para a sua construção histórico-sistemática que conduza a uma prática histórica da Igreja. Estes elementos precisam ser evidenciados para que a prática se perceba em constante avaliação deste legado e que continue se posicionando diante de contextos de exploração e miséria.

Referências

A CONFISSÃO DE AUGSBURGO. *Confissão de Fé Apresentada ao Invictíssimo Imperador Carlos V, César Augusto, na Dieta de Augsburgo no Ano de 1530*. Edição comemorativa 1530-2005.

Publicado pela Comissão Interluterana de Literatura (CIL). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Curitiba: Encontro Publicações, 2005.

ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994.

BEYER, Oswald. *Viver pela Fé: Justificação e Santificação*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

CEBI. *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. Declaração Conjunta Católica Romana – Evangélica Luterana. São Leopoldo: CEBI, 1999.

CREUTZBERG, Marion. *Bíblia e Diaconia: Geradoras de Nova Espiritualidade*. Seminário de Preparação à Bênção ao Ministério Diaconal. São Leopoldo, artigo não publicado, 1992.

DREHER, Martin N. Aspectos Teológicos da Ação Social em Lutero. *In*: DREHER, Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

DREHER, Martin N. Introdução. [Debate para o esclarecimento do valor das Indulgências]. *Obras Seleccionadas: Os Primórdios; Escritos de 1517-1519*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.

EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

DREHER, Martin N. Aspectos Teológicos da Ação Social em Lutero. *In*: DREHER, Martin N. (Org.). *Reflexões em torno de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

FISCHER, Joaquim. Introdução ao escrito de Lutero sobre as Boas Obras. *Obras Seleccionadas: O Programa da Reforma; escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

FORELL, George W. *Fé ativa no Amor*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1977.

GAEDE NETO, Rodolfo. Leitura Diaconal do Catecismo maior de Martim Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 1, p. 78-93, 2001.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Diaconia Evangélica: Síntese e proposta. São Leopoldo: CEM, 1988.

IWAND, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

FISCHER, Joachim. Marcas Teológicas da Reforma Protestante. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 121-135, 1988.

LUTERO, Martim. Do Cativo Babilônico da Igreja. *Obras Seleccionadas: O Programa da Reforma; Escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

LUTERO, Martim. 95 teses. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2017.

LUTERO, Martim. Catecismo maior do Dr. Marinho Lutero. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, Martim. Das Boas Obras. *Obras Seleccionadas: O Programa da Reforma; Escritos de 1520*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 97-170.

LUTERO, Martim. Estatuto para uma caixa comunitária. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martim. Exortação ao Corpo e Sangue de Nosso Senhor. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

- LUTERO, Martim. Instrução dos visitadores aos párocos. *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade: Comunidade-Ministério-Culto-Sacramentos-Visitação-Catecismos-Hinos*. Vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; CIL; Porto Alegre: Concórdia, 2000.
- LUTERO, Martim. Martinho Lutero: *Obras seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia; Canoas: ULBRA, 1987.
- LUTERO, Martim. O Catecismo Maior. *Livro de Concórdia*. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980.
- LUTERO, Martim. O Pai-nosso: Comentários a Mt 6. 5-15. *Obras Seleccionadas: Ética: Fundamentos-Oração-Sexualidade-Educação-Economia*. Vol. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- LUTERO, Martim. *Os Catecismos*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983.
- LUTERO, Martim. Um Sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades. *Obras Seleccionadas: Os Primórdios; Escritos de 1517-1519*. Vol. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.
- LUTERO, Martim. Uma Singela Forma de Orar. *Obras Seleccionadas: Ética: Fundamentos-Oração-Sexualidade-Educação-Economia*. Vol. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 134-148.
- MEINCKE, Sílvio. Justificação por Graça e Fé: Um novo espaço para a vida. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 205-230, 1983.
- MUELLER, Ênio R. Fundamentos da Ética em Lutero. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord.). Identidade Evangélico-Luterana e Ética. *Anais do III simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana*. São Leopoldo: EST, 2005.
- NORDSTOKKE, Kjell (Org). *Diaconia: Fé em Ação*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- OST, Maria Helena. *Fé e Obras em Lutero: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia*. São Leopoldo: EST, 1999.
- SCHNEIDER, Vilmar. *O Cristão e a Política na ótica de Martin Lutero*. São Leopoldo: EST, 1985. [Artigo não publicado].
- SEITZ, Manfred. *Prática da fé: culto, poimênica, espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- STROHM, Teodor. “Teologia da Diaconia” na perspectiva da Reforma. In: NORDSTOKKE, Kjell (Org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- STUMME, John R. Algumas teses sobre os Dois Reinos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 249-264, 1983. Disponível em:

http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1302/1254. Acesso em: 11 mai. 2022.

WEINGÄRTNER, Lindolfo. Identidade Luterana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 265-273, 1983.